



# ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS

SESSÃO SOLENE  
COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO  
DE NASCIMENTO DE SEU  
EX-PRESIDENTE EMÉRITO  
ARTHUR MOSES  
REALIZADA EM  
16 DE DEZEMBRO DE 1986

## DIRETORIA – 1985-1987

Presidente: MAURICIO MATOS PEIXOTO  
Vice-Presidentes: OSCAR SALA  
                          JOSÉ ISRAEL VARGAS  
Secretário-Geral: HISS MARTINS-FERREIRA  
1º Secretário: JOSÉ MANUEL RIVEROS  
2º Secretário: CÂNDIDO SIMÕES FERREIRA  
Tesoureiro: FERNANDO BRAGA UBATUBA

## ARTHUR MOSES

Nada mais nobre poderia fazer a Academia Brasileira de Ciências do que celebrar o centário de nascimento de Arthur Moses, Presidente emérito da Instituição.

Nascido aos 2 de junho de 1886, extinguiu-se no dia 23 de novembro de 1967. Foram oitenta e um anos de fecundas experiências e dos mais relevantes serviços prestados ao nosso país.

Encontramos no traçado da vida de Moses algumas das instituições culturais mais importantes da vida brasileira, e ainda o seu relacionamento com alguns dos mais altos valores de nossas gentes. Nascido no Rio de Janeiro na ocasião em que a cidade tinha apenas ilhas de urbanização, entre as quais transitava ainda o lamaçal e a falta de saneamento com a qual Manoel Joaquim de Almeida a descreve nas "Memórias de um Sargento de Milícias", Arthur Moses a viu crescer e de perto acompanhou a obra do engenheiro Passos. Diplomou-se pelo Colégio Pedro II, e aluno da Faculdade de Medicina e recém-médico assistiu à extraordinária expansão da medicina brasileira, da qual foi partícipe, e cujas colunas-mestras foram Miguel Couto e Oswaldo Cruz.

Deu Moses origem ao estudo das zoonoses, domínio que tem se ampliado extraordinariamente nestes últimos decênios.

Foi durante anos a viga de sustentação mais importante da Academia Brasileira de Ciências.

Sua contribuição à Associação Brasileira de Educação, de tão grande que o foi, é difícil de ser avaliada com precisão. Soube Moses, na decorrência de uma vida tão fértil, como poucas o são, criar amizades que foram permanentes, pois que não se basearam em interesses pessoais, mas na compreensão, na admiração e no amor.

Desejo agora, ora mais atentamente, ora mais rapidamente, percorrer algumas das etapas a que me referi.

Chegou Moses ao Colégio Pedro II, então Ginásio Nacional, com sólida preparação preliminar. Passara pelo Colégio Americano-Brasileiro. No Ginásio Nacional, de tempo corrido, para não dizer de manhã à tarde, preparavam-se os meninos-alunos para a vida profissional, política e cultural do país. Foi no futuro Colégio Pedro II que Moses formou seu extraordinário cabedal de conhecimentos. O Colégio Pedro II

de então é uma marca fulgurante no cenário, tantas vezes sombrio, da educação secundária brasileira e seu prestígio tal que, ao que se conta, aprazia ao nosso segundo Imperador assistir aos concursos de magistério com os quais se preenchiam as suas cátedras. Eram as aulas marcadas pela excelência dos professores, todos figuras destacadas da intelectualidade brasileira. A extraordinária inteligência de Arthur Moses soube bem aproveitar da ambiência do colégio onde às doughtas preleções sucediam-se as conversas com colegas nas quais se versavam assuntos de menor ou maior profundidade. Ora tratava-se de encontrar aspectos mais ou menos facetos dos mestres, ora cuidava-se de discutir filologia e literatura, disciplinas com que se completava a formação de um bacharelado do Pedro II. Felizes tempos! acrescento. Nesta ocasião Moses estabelece amizade que perdurará, decorridos os anos, com três de nossos expoentes: Souza da Silveira, o filólogo que viria dar nova dimensão ao conhecimento da língua portuguesa, Antenor Nascen-tes, também exímio cultor da nossa língua e dicionarista ilustre, e Manuel Bandeira, o qual tantas vezes acompanhou em momentos da so- frida vida do grande poeta.

Arthur Moses chega à Faculdade de Medicina em 1903 em época de efervescência intelectual laureado com o prêmio "Pantheon" que a congregação do colégio lhe havia conferido.

Dividia-se a Faculdade entre a Santa Casa da Misericórdia e o antigo Instituto Anatômico, vizinho à Igreja de N. S. do Bonsucesso. Seu espírito arguto haveria de bem absorver os fluidos de remodelação do ensino e de renovação da medicina que ali encontra.

A remodelação fora dada pela reforma do Visconde de Saboya e a revolução trazida à medicina pela ação de Pasteur e Robert Koch. A reforma continuava a se fazer, embora não tivesse Saboya, com a República, querido continuar na direção da Faculdade de Medicina. Permitia ela a integração ao corpo docente de jovens mestres. Entre eles encontrava-se Miguel Couto que, com Francisco de Castro, introduzia entre nós os conceitos de anátomo-patologia que Virchow formulara na Alemanha. Couto, ele mesmo, sem auxiliares, praticava, e com grande dificuldade, a necrópsia dos doentes que não podia salvar. Outros mes- tres compunham a constelação de sábios da congregação. Ao prestígio científico de que gozavam, muitos cresciam luxuosa vida social. Entre eles devo citar Chapot-Prevost, que encaminhou Moses para a prática laboratorial, ensinando-lhe Histologia. A fama de Chapot-Prevost se consolidara na tentativa da separação cirúrgica de duas irmãs siamesas das quais obteve extraordinária radiografia que ainda hoje causa surpre-

sa. O ambiente de então não poderia deixar de estimular Moses, do mesmo modo que o fez a meu pai, laureado na mesma escola um ano antes da entrada de Moses no seu alunado.

Mas os médicos, alunos de Medicina de então, e a própria sociedade, tinham tido ante si o terrível espetáculo da febre amarela, dizimadora de mulheres, homens e crianças, nativos ou estrangeiros, e empecilho de nosso desenvolvimento social.

Contra a mesma nenhum medicamento de ação positiva. Não se sabia como evitá-la. Mais ainda. A relação causa-efeito, vale dizer germe-doença, proclamada por Pasteur, malgrado o tenaz esforço de nossos melhores cientistas-médicos, João Baptista de Lacerda à frente, continuava desconhecida. Que terrível desafio, a aguçar os espíritos mais alertas dos melhores estudantes e jovens médicos de então. Eis que o Governo Rodrigues Alves chama, para debelar a febre amarela, Oswaldo Cruz. Em pouco a doença é eliminada de nossos portos, graças à luta contra o mosquito transmissor do vírus filtrável causador do mal. Arthur Moses, como tantos outros, fascinado pela figura de Oswaldo Cruz, dirige-se a Manguinhos, onde permanece por treze anos. Assim se refere Moses a este período:

“Falo dêsses anos com ufania porque assistí, desde o início, a elevação lenta e gradual dos dois monumentos — o novo edifício que hoje abriga os trabalhadores de Manguinhos e o prestígio incontrastável da maravilhosa Instituição”

Oswaldo conseguira realizar o que até hoje nos causa admiração, para não dizer espanto. Organizara em poucos anos uma instituição científica semelhante às melhores que existiam no mundo e de tão sólidas bases que sua existência resistiu aos terríveis abalos de incompreensão e despotismo pelos quais tem passado a vida brasileira. Atraíra o mestre para o barracão em Manguinhos, no qual se iniciara a marcha da Instituição e o contínuo e vigoroso desenvolvimento da Medicina experimental no Brasil, um grupo de decidida vocação para a pesquisa e de atilada inteligência. Figueiredo Vasconcelos, Cardoso Fontes, Henrique de Beaurepaire-Rohan de Aragão, Ezequiel Dias, Alcides Godoy e Carlos Chagas fizeram parte deste grupo ao qual se juntaria entre outros, logo depois, Gaspar Vianna. Oswaldo Cruz, retomando a idéia de intercâmbio científico, tão cara a Pedro II, abrigará em seu Instituto Max Hartman, parasitologista, Giemsa e Dürcke, e Von Prowazek, patologistas, todos de reconhecida fama científica. As descobertas cien-

tíficas se sucediam na grande Casa e cada volume das "Memórias do Instituto Oswaldo Cruz" trazia à coletividade científica internacional os novos e interessantes, tantas vezes surpreendentes, resultados das pesquisas realizadas no Instituto circundado pelo verde escuro dos manguezais com suas águas salobras e remansadas, a passagem de quando em vez, cortada pelo alvor das garças que se deslocavam em grupo ou isoladamente, de um ponto para outro do pantanal. O regime de trabalho era duro. Do cais Pharoux partia às sete da manhã a lancha de transporte, Oswaldo Cruz a bordo, e o retorno só se fazia às cinco e meia da tarde para aqueles que não pernoitavam na Instituição. Moses, de assíduo trabalho, ali terá ficado inúmeras vezes.

Seu período no Instituto marca possivelmente a fase mais significativa de sua produção científica, mas não de sua ação promotora do saber. Sua clara visão já o levava ao estudo das técnicas de ponta de então: a reação de fixação de complemento de Bordet e Gengou, que levaria Wasserman a criar um novo método de diagnóstico de Lues, é assunto de sua tese de doutoramento. Os anos que passou em Mangueinhos levam-no à Microbiologia. São anos mais do que formação. São anos de exemplar maturação em que estudioso se assenhoreia, pela pertinácia de sua inteligência, assiduidade à leitura de livros e revistas, e a permanência na bancada, dos mistérios mais novos que a Microbiologia, ainda hoje uma das mais puras fontes do conhecimento biológico, desvendava em benefício da Medicina. Nestes anos consolidou-se o prestígio de que gozou entre seus colegas. São desta fase 34 dos 74 trabalhos de seu acervo bibliográfico. Interessou-se pelo mixoma do coelho. Estudou, dentro das possibilidades, ao seu alcance, o vírus que a provoca, identificado por Henrique Aragão como o *Clamydozoon mixomae* e seu interesse pela mixomatose permanece constante e ainda em 1940 publica Moses um último trabalho sobre o importante agente zoonótico.

Em 1917, a convite de Wenceslau Braz, vamos encontrar Arthur Moses à frente do recém-criado serviço de veterinária do Ministério da Agricultura. Esta iniciativa, bem como a da criação do serviço de veterinária do Exército, entregue à competência do General Moniz de Aragão, marca uma etapa importante da vida científica brasileira. Malgrado o interesse de Oswaldo Cruz pelas zoonoses, o desenvolvimento das atividades de pesquisa e de ensino em veterinária só se desenvolveram lentamente. Se nos orgulhamos, hoje, das várias escolas de agricultura e veterinária e das instituições especializadas que possuímos, o desabrochar desta atividade de pesquisa e tecnologia foi muito lento.

A Escola de Agronomia do Ministério da Agricultura, que contou no início entre seus ilustres professores com Miguel Ozorio, só muito mais tarde veio a viscejar. É que o governo federal e a nossa sociedade não deram ao problema a importância que o mesmo merecia. Tal não aconteceu com o Governo Estadual de São Paulo. Depois do sucesso da campanha contra a terrível ocorrência da broca do café, ameaçadora de destruição de nossos cafezais, deu o mesmo a Arthur Neiva, que dirigira a campanha, condições para o estabelecimento do Instituto Biológico de Defesa Animal e Vegetal de São Paulo, notável instituição dirigida, durante muitos anos, por Rocha Lima, um dos mais notáveis cientistas brasileiros.

O que desejo sublinhar é que a presença de Arthur Moses no Serviço Federal de Veterinária veio configurar de maneira objetiva a importância do bom tratamento dos assuntos da pecuária no âmbito federal. Para tanto teve significação a transformação, em 1921, do Serviço Federal de Veterinária em Instituto Experimental de Veterinária, criado e dirigido até 1933 por Moses, dentro da jurisdição do Ministério da Agricultura e localizado aprazivelmente na Avenida Maracanã.

Entre os resultados científicos publicados no período da esplêndida direção que Moses imprimiu ao novo Instituto, quero colocar a continuação de trabalhos sobre padronização da reação de Wasserman, o estudo sobre portadores de vírus da peste bovina e sua eliminação, aquele referente às reações imunológicas da febre amarela, e a determinação das isoaglutininas dos animais domésticos.

Mas a atividade de Moses teria que se estender além dos limites administrativo-científicos que o cercavam. Conhecedor das dificuldades de nossos melhores clínicos para substanciar seus diagnósticos, colocou sua experiência a serviço da medicina clínica e abriu laboratório de análises, ao qual acorreram em pouco tempo os doentes dos médicos mais prestigiosos da sociedade brasileira, entre eles o próprio Couto, desejosos todos de ouvir o que o laboratório podia dizer sobre tal ou qual incidência mórbida.

O espírito inquieto de Arthur Moses, sempre atento aos problemas nacionais, não podia se limitar ao âmbito, para ele restrito, de suas duas atividades profissionais, a pública e a particular. Processam-se no Rio, reflexo da curiosidade de alguns de seus melhores amigos, dois momentos de alta significação para o Brasil. Centralizam-se os dois em torno do problema da educação. O primeiro é o da criação, por Roquete Pinto, da Rádio Sociedade destinada, principalmente, à difusão educativa. Como me lembro da ansiedade com que ouvi pela primeira vez,

em casa de Carneiro Felipe, em um receptor de galena, as transmissões pioneiras da Rádio-Sociedade.

Moses foi dos que mais colaboraram com Roquete na realização do seu sonho, que daria mais tarde origem à Rádio Roquete Pinto da Prefeitura do Distrito Federal — hoje, do Governo Estadual — e à Rádio Ministério da Educação, organismo federal do qual nasceu a TV Educativa. Mas o interesse pela educação, capítulo em que tanto se atardou nossa pátria, levaria Moses a se associar ao grupo fundador da Associação Brasileira de Educação ao lado das figuras de escol que foram Fernando Azevedo, Gustavo Lessa, Alberto Venâncio, Miguel Ozorio, Branca Fialho, Heloisa Alberto Torres, Anísio Teixeira e tantos outros. Não se fez ainda uma história completa da educação no Brasil deste período que compreende o fim do terceiro decênio do século e todo o quarto. Nela a Associação Brasileira de Educação assumirá posição de destaque e dentro da mesma encontrar-se-á a ação de Arthur Moses.

Foi ainda Moses membro do grupo que colaborou com Alvaro Alberto da Mota e Silva na organização do Conselho Nacional de Pesquisas, de cujo Conselho Deliberativo veio a fazer parte durante quase dois decênios. Nada mais justificável do que sua participação no CNPq. É que Arthur Moses acompanhara, através da Academia Brasileira de Ciências, melhor do que qualquer outro, o momento científico brasileiro e tornara-se íntimo de grande número de componentes de nossa comunidade científica. Velhos e novos cientistas, mas particularmente os mais jovens, iam com frequência ao seu laboratório, na Rua da Quitanda, para lhe ouvir a palavra de conselho, de estímulo e de compreensão. Era a mesma sempre de eficaz efeito permitindo esperanças, abrindo perspectivas ou dando consolação.

Conheci Moses quando entrei em 1941 para o quadro da Academia Brasileira de Ciências como seu membro efetivo. Alvaro Alberto era então o seu presidente e ao seu lado uma velha guarda composta, entre outros, por Mauricio Joppert, Alberto Menezes de Oliveira, Inácio Azevedo Amaral, Euzébio de Oliveira e com eles a nova geração, na qual distinguiam-se Mário Pinto, Bernard Gross e Joaquim da Costa Ribeiro.

Titubeava ainda a Academia em seus passos. As sessões quinzenais eram realizadas — com que esforço — no salão nobre da Escola Politécnica, no Largo de São Francisco. Na verdade, não é temerário afirmar-se que a Academia deve em parte a sua fundação a um grupo de professores daquela nobre instituição, aos quais se juntaram, entre



outros, professores da Escola Naval e o grupo do Observatório Nacional e do Museu da Quinta da Boa Vista.

Passada a sessão e discutidos os trabalhos após a sua apresentação, um grande grupo se dirigia a um dos bares existentes no térreo do Hotel Avenida — quantas lembranças tenho do velho prédio — e em debates sempre do maior interesse discutiam-se temas científicos ou filosóficos sem distinção de gerações.

Pouco a pouco Moses tornou-se a mola mestra da Academia começando pela preparação dos resumos das sessões publicadas com regularidade no Jornal do Commercio. Moses veio logo a seguir a substituir Alvaro Alberto, totalmente absorvido pela formação do CNPq. A primeira eleição de Moses em 1951/53 e as sucessivas reeleições que o mantiveram na presidência até 1965 pareceram-nos, a todos, o que de melhor podia acontecer à Academia. E assim foi. Em 1965 Moses decidiu por si mesmo e contra a vontade de todos nós, a não continuar como nosso presidente. Por sua honrosa indicação coube-me substituí-lo. Tarefa impossível! Mas sua presença e espírito continuam e continuarão entre nós. E assim deveria ser. Basta, para compreender minha assertiva, perscrutar alguns aspectos da ação de Moses na presidência da Academia Brasileira de Ciências. De início a sua total dedicação à mesma. Foi ela tão grande que se tornou difícil distinguir a vida da Academia da vida de Moses. A tudo provia, muitas vezes com esforço sobrehumano. Sessões, obrigações administrativas, publicações de Anais, obtenção de recursos, eleição de novos membros, novas modificações nos estatutos. À nossa instituição deu o melhor de si mesmo. Possuía, além do mais, a capacidade de ouvir, tornando a Academia não um próprio feudo, mas uma associação onde todos podiam sentir a sua própria presença. Sempre com modéstia, sem nenhuma semostração, aberto à colaboração e à crítica de seus membros, tornou-se a alma da nossa agremiação. As proposições dos acadêmicos mereceram sempre o seu atendimento e profunda reflexão, o que lhe permitia agir sempre com acerto. Tinha do mesmo modo a exata noção do papel de uma Academia de Ciências no mundo moderno. Sabia que sua ação deveria ser a de alertar as autoridades sobre os conhecimentos mais recentes da ciência e da técnica, e de suas implicações sociais. Sabia que com independência, deve uma Academia moderna seguir os avanços da ciência e indicar ao Governo os elementos de política científica que melhor assegurem a evolução sócio-cultural da nação. Soube Moses também lançar-se — e o fez, com ousadia — na defesa dos pesquisadores, tantas vezes marginalizados ou perseguidos politicamente em nosso país.

Os serviços prestados por Arthur Moses à nação brasileira, através da Academia Brasileira de Ciências, são incontáveis e a presença de sua efigie nesta sede, fruto do seu trabalho, é apenas um pálido reflexo de nossa gratidão. A figura franzina de Arthur Moses persiste nestes locais por ele erigidos. Perdura também entre os seus amigos pois uma de suas características foi a de saber fazer amigos. É que a sua fidelidade, a sua honestidade de propósitos, a sua compreensão humana serviam como a mais sólida argamassa necessária para unir almas e corações. Amigos os tinha a mancheias e na minha recordação desfilam os de Manguinhos, Cezar Guerreiro, Oscar Dutra e Silva, Figueiredo Vasconcelos, Henrique Aragão ou Lauro Travassos, os de sua atividade no campo educacional e cultural, como os três irmãos Ozório de Almeida, Branca Fialho, Arlindo de Assis; Afrânio Peixoto, Leonídio Ribeiro, Alvaro Alberto, Amorofo Costa, os dois Azevedo do Amaral, Henrique Morize e tantos mais. Sublinho ainda a sua profunda afeição ao irmão Herbert Moses.

Mas não se pode falar de Moses sem lembrar o chefe de família. Na verdade Moses estendeu à comunidade científica a sua capacidade de criar um lar antes mesmo de realizar o seu.

Casado menos moço teve a acompanhá-lo em sua ação Dona Maria Moses. Orinda de ilustre família, onde os homens são válidos varões e todas as mulheres se caracterizam pela beleza, pela graça e pelo respeito aos mais puros sentimentos que fazem a grandeza de uma mãe, de uma filha, de uma irmã e de uma esposa, Maria Veiga Moses foi exemplo da perfeita mulher. Seu acompanhamento da vida do marido, admirável. Todos os que a conheceram de perto sabem o quanto é verdadeiro o que digo.

Infelizmente não pude acompanhar Moses nos seus dois últimos anos de vida. Pressenti que não estava bem quando, depois de longa hesitação, não pôde aceitar o convite que lhe fiz para vir a Paris, em 1967, festejar com D. Maria e conosco o tricentenário da Academia de Ciências do Instituto de França, para o qual fora convidado. A viagem não lhe era mais possível. Senti-me abalado quando soube de sua morte. A Academia e todos os seus membros encontraram-se mais desprotegidos.

Senhoras e Senhores. Sei que não soube bem preencher a incumbência que me foi dada. Mas sei também que hoje a Academia Brasileira de Ciências comemora o centenário de um grande brasileiro.

Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1986